



Hibridismos e experimentação de linguagens na TV universitária – o caso da TV UESC¹

Betânia Maria Vilas Bôas Barreto²
Rita Virginia Argollo³

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

Resumo

Discutir a proposta de experimentação e pluralismo, ligados à construção educativa do conhecimento e cidadania, inserida numa televisão universitária, é a proposta do presente artigo. As diversas abordagens e construções de sentido dos enunciados televisivos deixam clara a necessidade de uma análise sobre o papel social do veículo televisivo para a informação e a formação social dos receptores. Neste sentido, apresenta-se a experiência da TV UESC, projeto de televisão universitária desenvolvido por professores e alunos do curso de Comunicação Social, habilitação em Rádio e TV, da Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus, Bahia, abordando sua estruturação, linguagem e a percepção de seu público.

Palavras-chave: TV universitária; hibridismo; linguagem; recepção.

Em busca da linguagem

A televisão passou por sucessivas mudanças em sua formatação tecnológica e lingüística, ao longo de sua estruturação e sedimentação como meio comunicativo. A busca por uma linguagem audiovisual, por parte de seus realizadores, dos mais diferentes segmentos, esbarra na natureza multifacetada de concepções sobre os direcionamentos que devem ser dados aos enunciados veiculados televisivamente. Para Duarte (2004), as estratégias utilizadas para esta configuração perpassa uma série de procedimentos organizacionais e discursivos no interior do próprio meio televisivo.

Pensa-se antes que é no decorrer de sua ainda breve história, atrelada às condições de produção e ao próprio desenvolvimento dos meios técnicos, que a televisão vem constituindo seus gêneros/subgêneros, cujas estratégias, configurações e regularidades adequam-se aos princípios e lógicas, possibilidades e restrições que regem o próprio funcionamento do meio (DUARTE, 2004, 67).

¹Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação Educativa.

²Jornalista, Especialista em Comunicação Educacional, mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. Professora de Oficina de Vídeo e Oficina de Vídeo Educativo na UESC e de História da Comunicação na Facsul, Itabuna-ba.

³Jornalista, mestre em Educação, coordenadora do Curso de Comunicação Social (RTV) da UESC e do curso de Comunicação Social (Jornalismo) da FacSul, professora de Produção, Direção e Edição em TV e editora de telejornalismo da TV Santa Cruz, afiliada da Rede Globo em Itabuna (BA).

Machado (2000) reitera este posicionamento, apontando a diversidade destes eventos e a dificuldade de sistematização de uma gramática televisiva uniformizada. Para ele, este conjunto, muitas vezes, tem em comum apenas o caráter eletrônico da imagem e do som e sua transmissão de um local (emissor) a outro (receptor).

Os enunciados televisuais são apresentados aos espectadores numa variabilidade praticamente infinita. A rigor, poder-se-ia dizer que cada enunciado concreto é uma singularidade que se apresenta de forma única, mas foi produzido dentro de uma certa esfera de intencionalidades, sob a égide de uma certa economia, com vistas a abarcar um certo campo de acontecimentos, atingir um certo segmento de telespectadores e assim por diante. Dessa maneira, malgrado único em sua ocorrência singular, ele ilustra ou espelha uma determinada possibilidade de utilização dos recursos expressivos da televisão, um certo “conceito” de televisão, e isso se expressa não apenas nos seus conteúdos verbais, figurativos, narrativos e temáticos, como também no modo de manejar os elementos dos códigos televisuais (MACHADO, 2000, p. 70).

Esse conceito, no dizer de Machado, insere-se num âmbito de discussão maior do que apenas as múltiplas possibilidades da linguagem eletrônica. O autor espelha, assim, uma intencionalidade discursiva que impregna a esfera televisiva dentro do contexto dos meios comunicativos atuais. Os meios como um todo, e a televisão em particular, abordam também a constituição das mensagens na perspectiva da construção de sentidos dentro da realidade social contemporânea.

Duarte (idem) complementa afirmando que as mensagens televisivas são discursos materializados textualmente. “Nessa perspectiva, aliás, nenhum texto é mais verdadeiro que o outro: muitos produzem, isso sim, efeitos de realidade e verdade, o que certamente não é a mesma coisa”. Para a autora, as produções televisivas são “mestras na mistura dos níveis de realidade (discursiva) com que operam” (p. 66).

Contribuindo com a discussão, Fisher (2002) aponta para a necessidade urgente de um debate sobre essa inserção cultural midiática. A autora considera que

A mudança histórica que experimentamos não pode ser entendida, hoje, sem que se considere a centralidade da cultura, dos múltiplos processos de atribuição de sentido às práticas sociais, no âmbito do amplo desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (FISHER, 2002, p. 2).

Assim, para ela, falar sobre processos midiáticos é falar sobre construção de sentido nas práticas sociais e sobre a penetração desses dizeres no âmbito cultural. Desta forma, comunicação é produção social de sentido. Ponto também destacado por



Baccega (2000) que, concordando com Fisher, entende que isso se constrói nas relações sócio-históricas da sociedade, tendo os meios de comunicação como fator de coesão social.

Editar o mundo e agendando temas que a sociedade irá discutir, a comunicação entra no processo permanente de produção de significado, portanto de construção da realidade, em todas as suas manifestações, quer sejam culturais, econômicas ou políticas (BACCEGA, 2000, p. 108).

Construir realidades, através dos meios comunicativos, assim, é gerar conhecimento. E o conhecimento seria um processo que “prevê a condição de reelaborar o que vem como um ‘dado’, possibilitando que não sejamos meros reprodutores” (BACCEGA, *idem*, 106).

Processo este que inclui novas elaborações sobre o que ocorre em sociedade, numa concepção de totalidade dos fatos e construção inter-relacionada de todas as esferas sociais “percebendo que o que está acontecendo em cada uma delas é resultado da dinâmica que faz com que todas interajam, de acordo com as possibilidades daquela formação social, naquele momento histórico” (*idem*). Portanto, os diversos fenômenos da vida social criam laços sendo referenciados pela sociedade como um todo.

Contudo, para Baccega (*idem*) as informações, hoje, não conseguem abranger a dimensão do processo do conhecimento. Elas não são suficientes para abarcar a dinâmica social, justamente porque são fragmentadas. A autora conclui que,

Informação, porém, não é conhecimento, podendo até ser um passo importante. O conhecimento implica crítica. Ele se baseia na inter-relação e não na fragmentação. Todos têm observado que essa troca do conhecimento pela informação tem resultado numa diminuição da criticidade (BACCEGA, 2000, p. 106).

Este ponto também é abordado por Bentes (1998) quando afirma que,

Hoje, tão grave quanto a falta de informação, é o excesso de informações. O excesso de informações descontextualizadas, excesso de informações fragmentadas e que não se pode ou não se consegue concatenar, ou dar sentido, e que atinge de forma diferenciada desde a população mais carente até os setores mais privilegiados da sociedade (BENTES, 1998, p. 2).

Por isso, para as autoras, a questão educativa não pode passar ao largo dessa discussão. Para que o conhecimento efetivo aconteça baseado na criticidade dos meios



comunicativos, Bentes (idem) aponta, ainda, que o posicionamento crítico só acontece quando o espectro informativo é rompido, “quebrado” em seu interior, produzindo uma informação de qualidade na mídia. Mais que isso, a autora entende que o desencadear de uma mudança acontecerá na constituição de uma recepção diferenciada e seletiva, que também elabore a informação, que saiba “se posicionar diante da informação que é a mercadoria literalmente e simbolicamente mais valorizada da cultura contemporânea” (1998, p. 4-5).

Ela acredita que informação “não é um problema da mídia ou dos jornalistas. A informação é um problema de formadores, educadores e pensadores” (p. 5). Com isso, também aqui, a dimensão educativa e formativa das mensagens se faz presente. Colocando a questão informativa dentro de um contexto de conhecimento mais amplo do que apenas o midiático, a autora amplia a responsabilidade pela emissão e decodificação comunicativa para outros setores significativos no contexto social.

É essa circulação indiferenciada de informações, esse nomadismo dos saberes que proporciona hoje uma redefinição radical dos campos de conhecimento e que coloca juntos, na pesquisa e no ensino, na produção de conhecimento, filósofos, artistas e cientistas, urbanistas, educadores, comunicólogos. Resta ao ensino, à universidade, mais do que nunca, assumir sua função de formadora - não de mão-de-obra especializada para o mercado, isso qualquer curso técnico pode fazer em poucos meses – mas formar analistas simbólicos, pessoas, cidadãos (BENTES, 1998, p. 4).

Bentes (idem) justifica este ponto de vista, explicando que, atualmente, a mídia “toma para si as funções que já foram da Escola, dos Educadores e da própria Universidade e tem um papel, gostemos ou não, decisivo na formação dessas novas gerações”. Por isso, a necessidade de se inserir no processo de construção e reconstrução da interlocução comunicativa (p.2).

O pluralismo na TV universitária: espaço de informação e formação social

O contexto contemporâneo, para Machado (2000) está cada vez mais pautado sob a égide do hibridismo, em termos de produtos culturais. Em vistas para o futuro, o teórico indica não haver mais espaço para obras fechadas e sem mesclas multidimensionais.



Para complicar, sabemos que as obras realmente fundantes produzidas em nosso século não se encaixam facilmente nas rubricas velhas e canônicas e quanto mais avançamos na direção do futuro, mais o hibridismo se mostra como a própria condição estrutural nos produtos culturais. (MACHADO, 2000, p. 67;68).

Neste sentido, a televisão representa a convergência de linguagens, formatos e gêneros que impede qualquer análise unilateral e exclusiva sobre seu conteúdo. Sobre este ponto, Duarte (2004) aborda a diversidade de constituições discursivas no âmbito televisual apontando, principalmente, acerca da instrumentalidade e diversificação de componentes intrínsecos da televisão. A autora entende que os dispositivos institucionais e tecnológicos eminentemente televisivos “são capazes de apresentar a um número cada vez maior de telespectadores os múltiplos aspectos da vida social, sendo responsáveis pelo surgimento de novas sensibilidades, éticas e estéticas” (p. 68-69).

Por isso, a criação de alternativas comunicativas que respeitem a condição do receptor educando como também construtor de conhecimento, exige a busca de alternativas que contemplem estas perspectivas. Em termos midiáticos, e especificamente televisivos, a mudança de enquadramento se faz necessário como constitutivo de uma nova forma de geração de informações. Para Pena (2002), a não consideração dos produtos televisivos como manifestação cultural, mais do que um anacronismo, parece uma cegueira intelectual.

Partindo deste princípio, o ponto em questão passa a ser o preceito epistemológico da pesquisa. Devemos investigar como a estetização se manifesta neste veículo, sob a perspectiva da dominante cultural pós-moderna, e, ainda mais importante, evitar que falsos moralistas e conservadores assumam o papel de árbitros sobre valores e formas a serem veiculados na TV (PENA, 2002, p.41).

Mas do que apenas ter acesso ao meio, para o autor, é constituir um processo de produção de sentido e conhecimento que seja realmente democrático, e não de exclusão.

No caso de uma TV Universitária o cuidado deve ser redobrado. A tendência de estabelecer uma nova divisão entre alta e baixa cultura no que é veiculado em sua programação pode ser incentivada por uma suposta sacralização do termo “universitário”, vinculando-o a uma idéia anacrônica de iluminação. Para evitar este deslize, talvez seja viável propor uma vocação pluralista para o veículo, uma nova sensibilidade, que, conforme descreve Susan Sontag, seja “voltada ao mesmo tempo para uma torturante seriedade e para o divertimento, a ironia e a nostalgia.” Um direcionamento para o “inclusive” e não para o “exclusive” (PENA, 2002,p.42).

Pluralismo parece ser para o autor, a palavra de ordem para dimensão televisiva universitária. Ele entende que o saber acadêmico pode ser mesclado ao entretenimento e ao divertimento impregnados no cerne televisual. Na discussão dos mais variados e pesados assuntos, mantendo a audiência, é preciso “trabalhar com a superfície no âmbito da profundidade, conduzindo o espectador à simbiose entre a seriedade e a jocosidade, o prazer e a obrigação, o apolíneo e o dionisíaco” (PENA, idem, p.43).

É a representação da diversidade, pois “em outras palavras, ao fazer esta digressão estética estamos propondo uma democratização do veículo e defendendo a pluralidade” (p. 43). Para Pena, as tevês universitárias são o local adequado para a experimentação. “O lugar ideal para uma rediscussão ética e estética do veículo, que, em última análise, possibilite uma participação democrática da sociedade e promova a cidadania” (PENA, 2002, p.43).

No aspecto apresentado pelo teórico, democracia e comunicação precisam fazer parte do mesmo campo de conhecimento, para uma efetiva pluralidade, na construção da cidadania. Entretanto, a promoção da cidadania “depende fundamentalmente da discussão estética que apresentamos, para que haja participação plural e democrática no veículo” (PENA, 2002, p.43).

Aprofundando sua análise, o autor aponta outra vantagem, ao seu ver, na constituição de uma autonomia audiovisual. É a questão da diversidade, entendida por ele como a leitura que cada instituição universitária tem sobre os meios mais convenientes para uma televisão cidadã, com diversas visões sobre o tema (p.44).

A defesa da pluralidade é fundamental para a disseminação das discussões sobre a cidadania na TV universitária. E uma linguagem que se aproxime das expectativas do público do canal materializa essa pluralidade. Acreditamos que essa proposta pode melhorar a eficácia da mensagem, ou seja, ajudar a incrementar as próprias discussões sobre a formação do cidadão (PENA, 2002,p.45).

O autor afirma, ainda, que percebe a TV universitária como um “excelente ringue” para que a comunidade, tanto acadêmica quanto não-acadêmica, lute por suas posições, sejam elas da “cultura de elite” ou da “cultura de massa”. E finaliza sua argumentação entendendo este contexto como um exercício de cidadania. Contudo a “exigência de que os programas de um veículo universitário tenham a ‘brancura e a



limpeza’ do rigor acadêmico é, no mínimo, uma atitude de quem ignora o próprio público” (PENA, 2002, p.47).

O receptor e a linguagem da TV universitária

Pensar a estética e o conteúdo de uma programação televisiva universitária requer desprendimento de padrões, muitas vezes, utilizados pelas televisões comerciais. É na busca pela experimentação para a cidadania, como assegurou Pena, que está o caminho a percorrer pelas instituições de ensino superior como um todo e, particularmente, pelos realizadores de projetos televisivos universitários. Barros (1997) aponta que o comunicador precisa incorporar a faceta educativa de sua atividade, dentro de uma ética e estética da recepção.

Tratando da concepção formativa das mensagens, o autor coloca a comunicação no espaço da educação informal, ocorrendo nas dinâmicas sociais do dia-a-dia onde o indivíduo se vê em interação com os outros, e com informações e manifestações culturais. Para ele, o processo comunicativo é uma relação de troca, onde as partes envolvidas compartilham a mensagem e a produção de sentidos (idem). Sob este prisma, é preciso compreender o caráter dialógico da comunicação, dando mais ênfase ao receptor como sujeito que participa do processo intercomunicativo, num partilhar e tornar comuns idéias e sentimentos (idem, ibidem).

Em sua argumentação, Barros (op. cit.) menciona que algumas correntes educacionais e comunicativas vêem o educando e o receptor como participante ativo no processo de comunicação e não como mero “receptáculo de informações” (p. 30). E que é possível compreender a comunicação também pela análise dos processos de recepção, de fruição. A atenção volta-se para as mediações que marcam o processo de interpretação da mensagem por parte do receptor, saindo do plano do texto para o plano do contexto, das relações do cotidiano. Trata-se das referências, das motivações e expectativas que estão entre (no meio) da mensagem e o receptor, das condições em que ocorre o processo de fruição.

O receptor recria a mensagem recebida, recria o objeto comunicado, oferecendo novas características e roupagens. Esse processo de recriação se dá adornado pelas circunstâncias do espaço e tempo em que ocorre, pelo contexto sociocultural em que se acha envolvido o receptor. “Cabe ao receptor/educando assumir atitude passiva, acrítica ou ingênua na recepção. Ou, ao contrário, assumir atitude ativa, participativa, crítica”



(BARROS, 1997, p.33). É o quadro social de referência que dá ao receptor as condições e aprofundamento para interpretação da mensagem e seu posicionamento diante da vida.

Ele projeta na mensagem suas expectativas e desejos e as imagens que têm guardadas em seu repertório simbólico. Ele se projeta. A mensagem reflete tais expectativas, tomando formas específicas do momento de contato e incrementando novos contornos, criando novos estímulos e provocações de olhar do receptor. Assim, novos sentidos vão sendo construídos, marcados pelas condições de tempo e espaço em que ocorrem (BARROS, *idem*).

É sob este ponto de vista ético e estético que se apresenta a análise do projeto TV UESC, como um embrião de televisão universitária, desenvolvido na Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus, Bahia, desde 2004.

O Caso TV UESC: A criação

A idéia inicial era criar um projeto de extensão que pudesse servir de apoio para o fluxo de informações dentro da Universidade, que contribuísse para o diálogo entre docentes, discentes e servidores. O processo de implantação começou em 2004, envolvendo professores e alunos do Curso de Comunicação Social (RTV), da UESC. São no total oito bolsistas, que atuam nas funções de produtor, repórter, apresentador, vídeo-repórter e editor de imagem. A supervisão é feita por cinco professores e a coordenação por dois. Recentemente, foi feita a contratação de um editor de texto e o cinegrafista que trabalhava apenas um turno foi contratado por tempo integral.

No primeiro momento, priorizou-se o treinamento da equipe, uma vez que os alunos que entram no projeto nunca têm experiência anterior em televisão. Era preciso – e esse é sempre o grande desafio – fazer com que jovens estudantes, aspirantes a uma carreira na área, compreendessem a “gramática das condições de produção televisiva” (DUARTE, 2004, p.15). O passo seguinte foi a definição de uma grade de programação básica, que atendesse às necessidades do público-alvo. Necessitava-se, naquele momento, identificar as diretrizes do projeto e, a partir dali, o que poderia ser considerado como valor-notícia (TRAQUINA, 2005, p. 63) para aquela comunidade.

Chegou-se então ao consenso que seria necessário pontuar algumas notícias factuais – mas como não havia ainda uma rotina de produção e exibição, esse tipo de informação não seria priorizada, por conta da instantaneidade. Optou-se por uma



agenda, em selo⁴, pontuando os eventos da semana na Instituição. Ficou definida a criação do programa *Universus*, um produto diário, com duração média de quinze minutos, composto por quadros que se alternam a cada edição. O *Varal*, onde são exibidos os trabalhos em vídeo elaborados pelos alunos do Curso de Comunicação, é o único quadro fixo.

Para dar voz a cada um dos cursos, foi criado o *Universidade*. É um espaço onde são ouvidos alunos, coordenador de Colegiado, diretor de Departamento. Mostra-se o que é o curso, como funciona, os laboratórios que têm, as atividades realizadas, os projetos. Segue um formato telejornalístico formal. O *Entre Aspas* é um povo-fala⁵ com a comunidade acadêmica, fazendo críticas, dando sugestões. A idéia é proporcionar dinâmica ao programa. O *Eureka* apresenta novos conhecimentos a partir de publicações, mestrados e doutorados. É uma reportagem solta, onde o repórter é enquadrado o tempo todo conversando com o entrevistado, tipo bate-papo, e abordando a descoberta em questão.

O *Trampo* busca mostrar um pouco da realidade profissional para o aluno. O vídeo-repórter vai até o local de trabalho/estágio de um estudante da UESC e narra sua percepção sobre determinada profissão, comenta, analisa, tenta explicar como é a prática naquela área. Já o *Palavras Cruzadas* mostra uma roda de discussões sobre assuntos atuais entre diferentes alunos de diferentes cursos. Participam também professores ou especialistas do tema. É gravado com duas câmeras e o repórter atua como mediador do debate. E o *Porta-Retrato* é um espaço para divulgar artistas, produções culturais, talentos da comunidade acadêmica. Nesse quadro, o repórter não aparece, o entrevistado usa microfone de lapela e apresenta o que sabe fazer de forma leve – quando é possível, a edição tipo videoclipe é valorizada.

As exibições são feitas por meio de monitores de TV instalados nos pontos do *campus* onde há maior circulação de pessoas (restaurante, cantinas e biblioteca – este último ainda não está em funcionamento). Respeita-se, também, os horários de maior fluxo. Atualmente passa-se pelo processo de cabeamento, para melhorar a exibição interna. Fechou-se, no final do ano passado, uma parceria de cooperação com a Fundação Roberto Marinho (Canal Futura). A instituição dá o apoio de *know how* para efetivar-se o processo de implantação – a meta agora é a regulamentação para que se possa transmitir a programação também para a comunidade regional.

⁴ Quando as informações são narradas em *off* pelo apresentador e no vídeo os dados aparecem em caracteres.

⁵ Entrevistas curtas, muitas vezes com uma ou duas frases.



Esta parceria permite o treinamento de professores e a participação de alunos da instituição – e do Projeto – no “Geração Futura”⁶. Começa-se a enviar reportagens realizadas pela equipe para veiculação no *Jornal do Futura* e no programa *Sala de Notícias*, ambos do Canal Futura. Com o aumento da demanda de trabalho, pleitea-se junto à Universidade a contratação de um repórter e de um editor de imagens, além de começar-se a organizar a equipe de acordo com a estrutura de uma televisão.

A opinião de quem assiste

Completa-se, no mês de julho de 2007, um ano de exibição do *Universus*. Por uma série de razões, ainda enfrenta-se dificuldades com a logística diária. O desenrolar das ações em uma instituição pública – como a liberação ágil de carro para as externas, por exemplo -, a dificuldade inicial de firmar uma periodicidade na exibição, o recesso acadêmico, o treinamento de mão-de-obra, etc. Mas os resultados positivos começam também a surgir. Tem-se formado profissionais para o mercado de trabalho – uma vez que vários bolsistas treinados na TV UESC foram trabalhar em TVs comerciais – e começa-se a conquistar espaço no *campus*, a chamar a atenção dos olhares que circulam pela Universidade.

A proposta, desde o início, foi romper com o formato padrão de telejornalismo, que considera-se excessivamente formal e rígido. Além disso, entende-se a academia como o espaço para experimentações, entende-se estar no espaço adequado para isso. Restava saber até que ponto a produção estaria ou não agradando ao público-alvo. Não bastavam os elogios de corredores ou as críticas isoladas.

Para isso, iniciou-se o processo, ainda de forma preliminar. Mas já é possível ter um guia. Nos dias 23 e 24 de maio de 2007, ouviu-se 48 pessoas, de 25 a 47 anos de idade, de ambos os sexos. Uma amostra aleatória formada por telespectadores que assistiam às exibições. A maioria – 40 pessoas – é de alunos da UESC, além de um professor, dois servidores e cinco visitantes.

Inicialmente, procurou-se saber se eles sabiam o nome do programa ao qual estavam assistindo. Apenas seis responderam *Universus*; 28 não sabiam e o restante não conseguiu acertar. Isso mostra que precisa-se uma aproximação maior do público e criar rotinas de exibição – este último problema foi identificado pela equipe da TV UESC e

⁶ Programa de treinamento realizado pelo Canal Futura com alunos de Comunicação Social de universidades parceiras.



espera-se que com a transmissão efetivamente em circuito interno a audiência seja ampliada, como reflexo da melhoria das transmissões.

Questionou-se também sobre a pertinência dos assuntos abordados pelo programa. A maioria dos telespectadores acreditou que se está no caminho certo: 32 entrevistados disseram que os temas são bons e quatro ressaltaram que são ótimos. Apenas duas pessoas disseram que era ruim e 12 que era razoável. Com relação à forma como os assuntos são tratados, uma pessoa afirmou não gostar, 11 disseram que é razoável, sete que é ótima e 30 que é boa. Entende-se que a linguagem adotada pelo programa *Universus* rompe com o formato telejornalístico ao qual o público está acostumado, ao qual o olhar deste telespectador foi adestrado. É preciso, primeiro, criar empatia, educar o olhar para o novo.

Perguntou-se à amostra se destacaria algum quadro. Se 37 disseram que não, 11 disseram se interessar pelo *Eureka*, *Varal*, *Entre Aspas*. Além desses, citaram quadros como: “Trilha Sonora” (imaginamos que seja o *Varal*), “situação econômica do aluno” (deve ser o *Trampo*) e uma entrevistada ainda escreveu “que todos os quadros têm sua importância”. Entende-se que em tão pouco tempo de exibição e com tantas diversidades encontradas, se está conseguindo a compreensão do público – compreensão relacionada aos processos de produção dentro de uma universidade e entendimento/aceitação da linguagem, mesmo que aos poucos.

Como intrigava a questão de romper com a linguagem padrão do telejornalismo, perguntou-se aos entrevistados se eles consideravam o *Universus* um telejornal. 42% disseram que mais ou menos, 29% que não e os outros 29% que sim (cf. Tabela 01).

TABELA 01 – OPINIÃO DA AMOSTRA SOBRE A POSSIBILIDADE DO PROGRAMA UNIVERSUS SER UM TELEJORNAL

	N	%
SIM	14	29
NÃO	14	29
MAIS OU MENOS	20	42
TOTAL DE ENTREVISTADOS	48	100

Fonte: Dados da pesquisa

Questionou-se também sobre a preferência de assistir à TV UESC ou a TVs abertas. Do total de entrevistados, 69% afirmaram preferir à TV aberta – acredita-se que por razões óbvias, como toda a problemática já explicitada anteriormente. Mas, em



compensação, 31% das pessoas ouvidas já começam a preferir a TV UESC (cf. Tabela 02). Não que a proposta seja competir – até mesmo porque os objetivos das duas vertentes são completamente díspares. Mas pretende-se, sim, educar para esse novo olhar sobre o meio, sobre a notícia.

TABELA 02 – PREFERÊNCIA DA AMOSTRA ENTRE A TV UESC E AS TVS ABERTAS

	N	%
TV UESC	15	31
TV ABERTA	33	69
TOTAL DE ENTREVISTADOS	48	100

Fonte: Dados da pesquisa

Sobre as razões para a preferência, 69% afirmaram preferir a TV UESC em razão do conteúdo exibido e da linguagem diferenciada adotada. Os que se referiram à TV aberta (15%) dizem que a escolha está associada apenas ao conteúdo da mesma (cf. Tabela 03). As respostas sinalizam para o mesmo caminho, o da necessidade de identificação dos valores-notícia para o comunidade acadêmica e a dificuldade inicial de abordar temas factuais, como faz o telejornalismo das emissoras comerciais. Chama a atenção o fato de que mesmo os que não preferiram a TV UESC na tabela 03, destacarem o gosto pelo conteúdo e pela linguagem adotados por esta.

TABELA 03 – RAZÕES PARA A PREFERÊNCIA POR TV ABERTA OU PELA TV UESC

		N	%
TV ABERTA	CONTEÚDO	15	31
TV UESC	CONTEÚDO E LINGUAGEM DIFERENCIADA	33	69
TOTAL DE ENTREVISTADOS		48	100

Fonte: Dados da pesquisa

Uma questão unânime entre todos os entrevistados, e que força-se a correr mais ainda para a sistematização da transmissão, são as reclamações a cerca da periodicidade da exibição. É interessante salientar a resposta de uma das entrevistadas, aluna da UESC, sobre a proposta da TV universitária: “É mais um meio de ficarmos por dentro não só do que ocorre lá fora, mas também dentro da instituição”.



Considerações Finais

Entende-se, como Leal Filho (2006), que a televisão mudou, que desde sua chegada ao Brasil nunca foi tão discutida pela sociedade e que, só assim, pode-se construir uma programação cidadã, sem encarar o veículo de forma catastrófica, apocalíptica, para lembrar Umberto Eco.

Reconhece-se que há uma longa trajetória pela frente, para a efetivação do Projeto TV UESC como realmente uma TV Universitária, com uma programação que atenda aos interesses da comunidade acadêmica e que contribua para o desenvolvimento regional e para a formação de cidadãos. Nesse processo, apresenta-se uma nova composição para o telejornalismo, em que os personagens têm direito a falar completando seus raciocínios, sem o limite dos segundos, onde a escolha do conteúdo não é cerceada por patrocinadores, nem a grade de programação é limitada por horários comerciais.

Acredita-se em uma televisão – e em um telejornalismo – livre de amarras, servindo como espaço para a produção de conhecimento, para a divulgação de idéias e ideais positivos. Os limites para a experimentação e para a busca de novas linguagens vão até onde os estudos da comunicação permitirem. Sempre com o compromisso ético, alunos e professores seguem em busca da aproximação com os fatos – o levando a notícia aos telespectadores, mas respeitando as necessidades de reflexão.

Referências Bibliográficas

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação / Educação: aproximações. In: BUCCI, Eugênio (et all). **A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2000.

BARROS, Laan Mendes de. **Comunicação e educação numa perspectiva plural e dialética**. In: Nexos - Revista de Estudos de Comunicação e Educação. Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, Ano 1. n. 1 – 2º semestre, 1997, pp. 19-38.

BENTES, Ivana. **A universidade concorre com a mídia**. In: Revista Lumina da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (Facom/UFJF) - v.1, n.1, p.77-84, jul./dez. 1998.

DUARTE, Elisabeth Bastos. **Televisão: Ensaios metodológicos**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LEAL FILHO, Laurindo Lalo. **A TV sob controle: A resposta da sociedade ao poder da televisão**. São Paulo: Summus, 2006.



FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela)TV**. Retirado do site: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100011&lng=es&nrm=iso/&tlng=pt#back6. Acessado em 13 de abril de 2007.

MACHADO, Arlindo. **A Televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.

PENA, Felipe. As salsichas da TV universitária: Uma discussão sobre estética, pluralidade e cidadania. In: **Televisão e Sociedade – do Big Brother à TV universitária**. Rio de Janeiro: 7 Letras Ed., 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transacional**. Florianópolis: Insular, 2005.